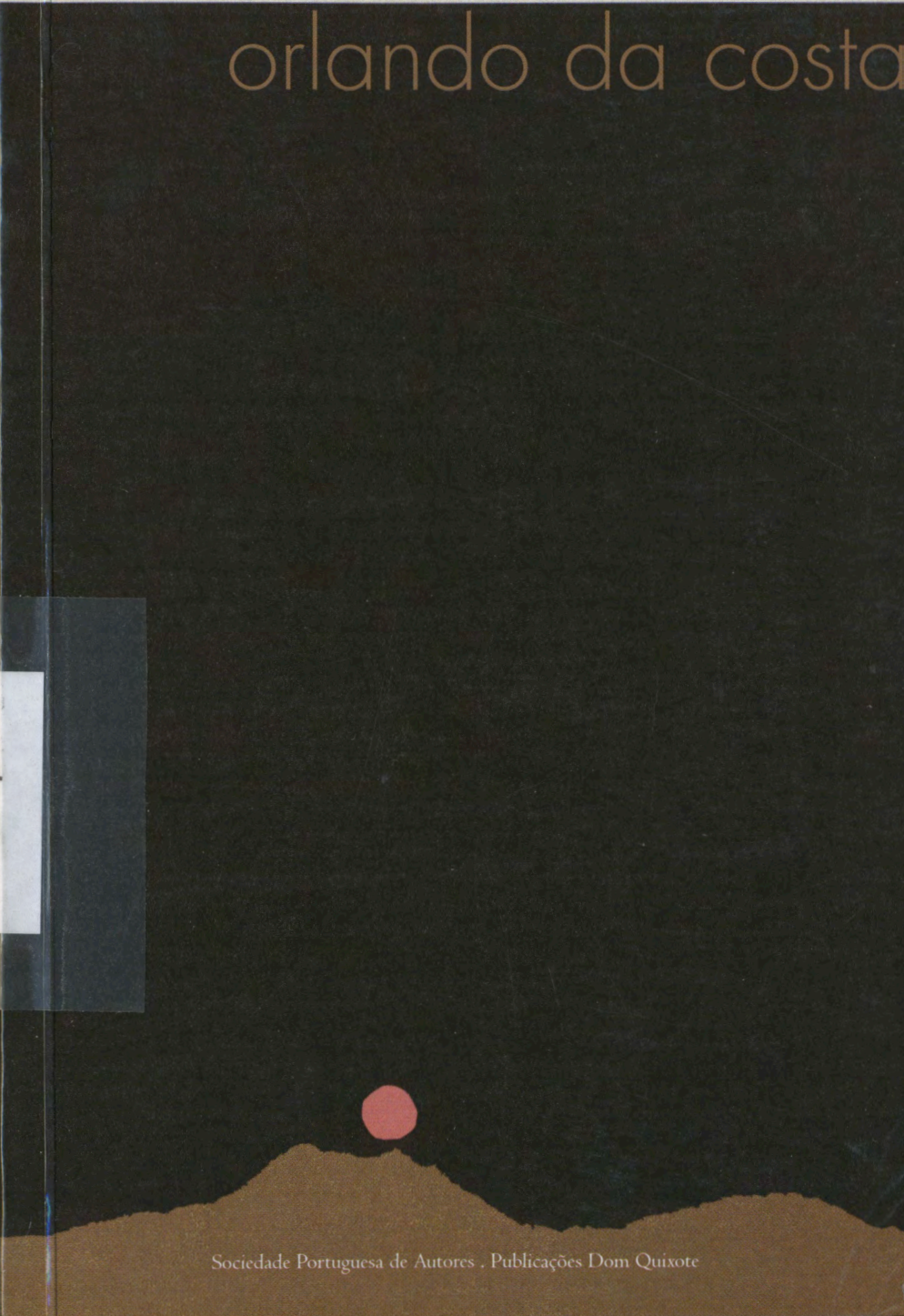
sem flores nem coroas

orlando da costa



Sociedade Portuguesa de Autores . Publicações Dom Quixote

ORLANDO DA COSTA

U4W0034 19
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

SEM FLORES NEM COROAS

Peça em três actos
com um estudo cenográfico
de
João Abel Manta

Prefácio de Luiz Francisco Rebello

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES / PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
2003

Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação
Costa, Orlando da, 1929-
Sem flores nem coroas: peça em três actos/Orlando da Costa
com estudo cenográfico de João Abel Manta
(Sociedade Portuguesa de Autores. Teatro; 30)
ISBN 972-20-2400-0
I - Manta, João Abel, 1928-
CDU 821.134.3(679)-2 "19"

Publicações Dom Quixote, Lda.
Rua Cintura do Porto
Urbanização da Matinha, Lote A – 2.º C
1900-649 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2003, Orlando da Costa e Sociedade Portuguesa de Autores

Capa de: Henrique Cayatte
sobre capa original de Sebastião Rodrigues

Revisão tipográfica: Álvaro Marques
1.ª edição: Abril de 2003
Depósito legal n.º: 192973/03
Fotocomposição: Espaço 2 Gráfico
Impressão e acabamento:
Gráfica Manuel Barbosa e Filhos, Lda.
ISBN: 972-20-2400-0

PREFÁCIO

Publicada pela primeira vez em 1971, numa edição da "Seara Nova", esta peça, que assinala o encontro de Orlando da Costa com a linguagem dramática, foi escrita em 1967. Salazar não tinha ainda tombado da cadeira que o destino reservara para lhe pôr fim ao reinado: era obviamente impossível publicá-la então. E se, quatro anos depois, nas indefinições da "primavera marcelista", que já se abeirava do inverno, a sua edição passou incólume, impensável seria no entanto vê-la erguida no seu lugar próprio, o palco de um teatro. Os seus três actos tocavam numa ferida que o regime tinha em aberto – a perda da Índia.

O seu autor havia, quando a escreveu, publicado três livros de poesia (*A Estrada e a Voz, Os Olhos sem Fronteira* e *Sete Odes do Canto Comum*, respectivamente em 1951, 53 e 55) e, sobretudo, dois romances (*O Signo da Ira,* 1961 e *Podem Chamar-me Eurídice...,* 1964) que lhe garantiam um lugar de proeminência na sua geração literária. O primeiro daqueles romances, distinguido com o Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências, "encorpou durante bastante tempo a mitologia literária que vivíamos", como recorda Maria Alzira Seixo, que viu nele, e com justeza, o "aprofundamento da consciência de corpo de uma terra distante e então para nós extremamente impressiva, a terra de Goa, comunicando-a plasticamente e sensorialmente em páginas que ainda hoje fazem desse livro uma criação fascinante".

Perdoe-se-me a longa citação. Mas ela justifica-se porque, tal como no *Signo da Ira*, a acção de *Sem Flores nem Coroas* decorre em Goa, e a ela se aplicam, "mutatis mutandis", as palavras de Maria Alzira Seixo. A "consciência de corpo" dessa "terra distante" impregna as suas personagens, contraditoriamente divididas entre a geração do Pai e a geração da filha Matú e de Bostú, o filho adoptivo, cuja verdadeira génese mais tarde havemos de descobrir. E é ela que dita as palavras de Rosenda, a velha aia, perante a iminência da invasão de Goa pelas tropas indianas: "Eu fico, eu fico. Não faz sentido eu partir, fugir, proteger-me do que quer que seja. Para onde quer que vá ou me levem, estarei sempre na minha terra... e na minha terra quem me poderá fazer mal? ... Sou velha, aqui nasci, aqui cresci, nesta terra envelheci... e nela morrerei, serei no seu pó enterrada... e só nela poderei ser lembrada..."

Terra que, como as de África, a obstinação (a cegueira) do velho ditador recusava aos seus legítimos donos, que ele desejaria ver empapada do sangue dos "homens fardados", condenados a um sacrifício inútil e absurdo, ao arrepio do movimento da História. E é nela, na História enquanto devir, que se inscrevem a história, as histórias de amor de que a acção dramática se entretece – amores adiados, frustrados, ocultos, sublimados, silenciados ou gritados em silêncio. Na hora decisiva em que as cinzas de um presente póstumo se diluem nos cristais da esperança de um novo tempo, Matú "tem nos olhos um fulgor que (a Mãe) lhe vê pela primeira vez", fulgor que tanto pode ser de "esperança como de satisfação ou rebeldia". E Bostú regressará "pela manhã, para colher flores", enquanto o Pai irá morrer envolto no sudário do passado, "sem flores nem coroas"...

Resta falar da intensa dramaticidade dos seus três breves actos, rematados por um "final" que recusa a temível grandiloquência da maior parte do teatro "comprometido" – e se este o é! – , da precisão de quase todo o diálogo, do hábil emprego de múltiplos recursos e signos cénicos que são um desafio para um encenador a quem não seja indiferente colocar a sua capacidade criativa ao serviço de uma dramaturgia de genuína matriz portuguesa. Mas, infelizmente, não há muitos.

Luiz Francisco Rebello